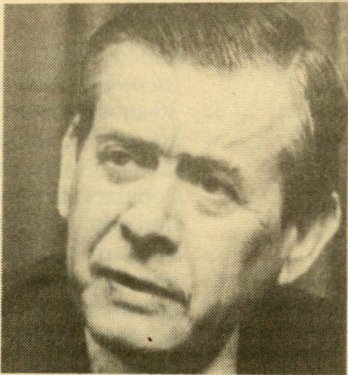


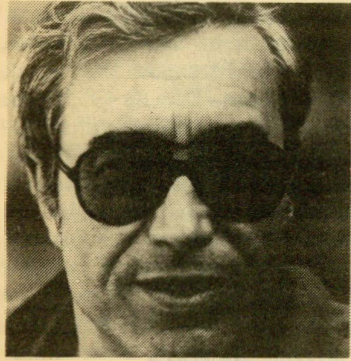
Mário Neves

Embora a vida me tenha proporcionado muitas oportunidades de viver apaixonadamente tarefas noutros domínios da advocacia, da diplomacia e do governo, é sempre com a mais profunda emoção que evoco esse longo período que passei no «Diário de Lisboa», e em que contactei com os mais variados e importantes problemas da história portuguesa e da vida internacional. Para apontar apenas um desses meus emocionantes momentos da minha profissão, recordo a reportagem da tomada de Badajoz durante a Guerra Civil de Espanha, em que tive o triste privilégio de servir como primeiro jornalista português a presenciar a horrível chacina que ali se cometeu.



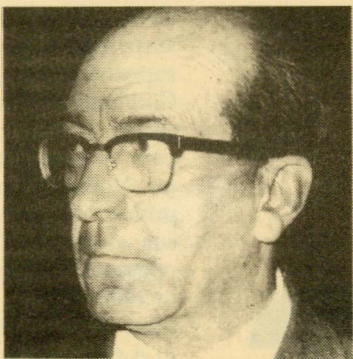
José Cardoso Pires

Foi um suplemento com bastante êxito, que até se criou uma frase que corria assim, quer lá em baixo nos tipógrafos, quer nos círculos assim... na rua muitas vezes, dizia-se: Hoje, pica a Mosca, não é? Dizia-se muito isso. Hoje Pica a Mosca, portanto foi um suplemento com bastante audiência. Era uma resposta à censura e aos valores, aos bonzos, aos valores sagrados da ditadura. E aí devo dizer que tive uma boa colaboração do Luís Sttau Monteiro.



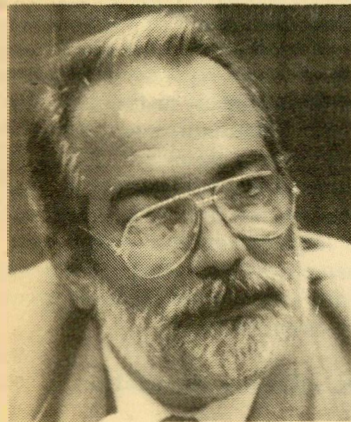
Raul Rego

Tenho muita pena e é um sintoma de falta de interesse da Comunicação Social, falta de interesse do público da comunicação social, que o jornal da tarde, mais carismático do País, encerre as suas portas. O «Diário de Lisboa» é metade, foi durante muito tempo, metade da minha vida e durante muitos anos foi o jornal que, estruturalmente informativo, estruturalmente literário, soube resistir com dignidade, sempre, à ditadura. Além disso, é um jornal que nasceu com a República por alturas de 1920, sempre republicano, que manteve a chama republicana durante toda a Ditadura e que encerra realmente quando se reconquista a liberdade. E, não sei, é um triste sintoma este da nossa era. É um sentimento de um bocado da vida que se vai embora.



Joaquim Letria

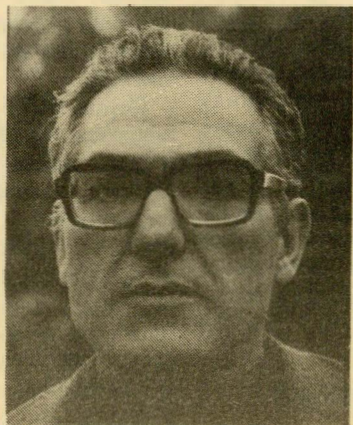
Fazer o «Diário de Lisboa» era uma grande alegria e eu vivi ali a passagem, do quente para o frio, na impressão. Portanto, sou do tempo da velha máquina, e das *linotypes* a chumbo, e depois vi aparecer em Portugal pela primeira vez, não havia o *offset* e aprendi a trabalhar com ele. Certo ali. Mas, para mim, talvez o que recordo mais, era a amizade que havia em todos nós porque trabalhávamos naquele jornal mas continuávamos a conviver em casa uns dos outros. Almoçávamos uns com os outros. Pensávamos uns com os outros e vivíamos uns com os outros. Eu recordo particularmente as cheias de 1967, em que morreram mais de 500 pessoas, na altura, e em que uma equipa do «Diário de Lisboa», extremamente profissional, que se constituiu, e em que dividimos as regiões. Eu fiquei com o Ribatejo, o Pedro Alvim com Sintra, o Pedro Rafael dos Santos com Odivelas. Toda essa zona, no fundo éramos talvez 6 ou 7 pessoas. O José Carlos de Vasconcelos na retaguarda, um bocado a receber os textos e a coordenar todo o material. Estivemos 5 dias sem dormir. Recordo-me de nos encontrarmos às 4 ou 5 da manhã no



«Diário de Lisboa» completamente esgotados, e o Pedro Alvim ainda com tempo e com talento para escrever uma das crónicas mais bonitas da imprensa portuguesa, que aliás está num livro do «Homem na Cidade» em que alguns de nós colaborámos. A censura não deixava dar o número de mortos. Havia uma discrepância a certa altura com os números oficiais do Ministério do Interior. Eu contava os mortos na sacristia da igreja de Vila Franca e no Hospital de Vila Franca. Nós estávamos a dar números acima dos números oficiais, e o Pedro Alvim tem uma crónica notável que é a contagem que ele faz de mortos à luz de fósforos, porque havia falta de energia numa igreja em Sintra. É das coisas mais bonitas que se escreveram nos jornais portugueses.

Mário Castrim

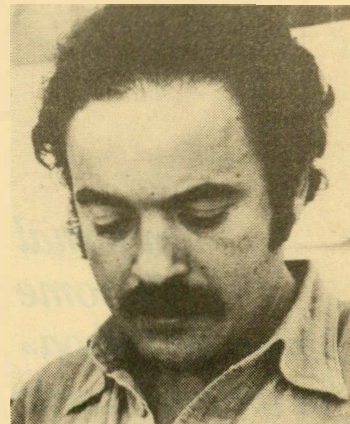
E, no entanto, televisão, eu amo-te. Amo-te de todo o coração. Coração, que para ser digno da tua grandeza, quis que fosse puro como Galaz e duro como diamante. Os médios querem fazer de ti seu logradouro, os bórgias obrigam-te ao veneno das suas ambições. Os poderosos possuem-te, não te amam. Degradam-te quando te beijam e com eles não és um jardim, mas um labirinto. Os ricos querem-te para *passerelle* dos seus dólares. Os pequeno-burgueses sonham-te como paraíso de águas-de-colónia, de electrodomésticos e de utilitários. Cavalo de fogo, passas atrelado aos carros sem futuro. Mas eu amo-te porque nasceste de um contrato entre o Homem e Deus. Porque vieste combater a solidão, a tristeza e a ignorância. Tu sabes acompanhar-me quando te chamo, e deixar-me quando te peço. Tu podes levar-me onde nunca irei, podes cercar-me de todas as jóias e de todas as estrelas, podes mudar a minha pobreza em divindade. Podes levar de uma só vez ao teatro para ver o rei Édipo mais gente do que em quatro mil anos de representações. Mudaste o mundo. Mudaste a vida. Mudaste o Homem. Feriram-te, desfiguraram-te, envergonharam-te, envergonham-te. Mas por baixo dos teus vestidos sujos, intacta se mantém a tua condição de princesa. Amo-te para que ressuscites.



Armando Pereira da Silva

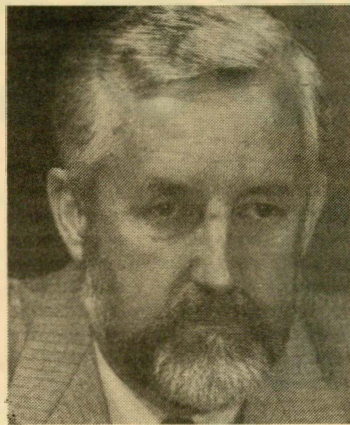
Era um jornal onde todos os jornalistas, pelo menos os jornalistas mais atrevidos, mais contra a situação, mais contra a censura, sonhavam trabalhar. Eu realizei esse sonho, como tantos outros, de facto já ouvi dizer que o «Diário de Lisboa» foi uma escola de jornalistas, o que é verdade.

Era uma casa onde a palavra liberdade, onde o respeito pelas pessoas e pelas ideias era um facto. Era um caso especial na imprensa portuguesa, não só pela relação que os profissionais tinham com o jornal, como os próprios leitores tinham. De qualquer modo, o «Diário de Lisboa» é de facto um marco na história de Portugal deste século, da cultura portuguesa, de um certo entendimento que milhares de pessoas têm do que era fazer jornalismo em Portugal. Como profissional foi de facto uma escola, não só de liberdade, num período em que essa liberdade não existia, mas sobretudo de aprender a exercer essa liberdade em condições que não nos envergonhavam de ser jornalistas. Isso era possível no «Diário de Lisboa». Aquilo que sinto neste momento, porque fui um homem da casa durante vários anos, uma casa que me marcou muito, é uma grande tristeza e até uma grande revolta.



José Carlos de Vasconcelos

Eu já há muito que colaborava em jornais e em revistas e depois de enviar, por minha iniciativa, uma reportagem para o «Diário de Lisboa» sobre o naufrágio de uma traineira, o dr. Mário Neves convidou-me para vir para o jornal. Para mim foi uma alegria. E por isso vim de Coimbra para Lisboa e no próprio dia em que cheguei havia uma festa que era um aniversário do jornal em que falava sempre o redactor mais novo e recordo de ter feito um discurso um bocado explosivo, como dirigente associativo que vinha habituado aos discursos inflamados, mas que exactamente num ambiente de tolerância e de abertura que havia no «Diário de Lisboa» isso ter sido visto de forma até benévola por aqueles que estariam menos de acordo com esses ardores revolucionários. E a primeira reportagem que fiz, lembro-me bem, já preparada, foi «Sobre Como Viveremos no Ano 2000», aliás não uma, mas uma grande série. E depois, claro, foi uma experiência inesquecível de liberdade e democracia e de um jornalismo sério e de qualidade. Sobretudo nos últimos anos da década de 60 acho que conseguimos uma equipa, funcionando com uma



grande alegria e com entusiasmo (e eu não concebo jornalismo de outra forma) com uma grande camaradagem, que eu acho que é fundamental. E foi obviamente, com muita pena, que nos anos 70 saí do «Diário de Lisboa» por discordar com outra orientação que passou a ter, um pouco mais popularucha, e por outro lado, porque a censura cortava-me tantas coisas que não valia a pena continuar a tentar. E aí só voltei ao jornalismo após o 25 de Abril, para a Direcção do «Diário de Notícias». Infelizmente só voltei ao «Diário de Lisboa» 20 anos depois, recentemente, numa última tentativa com a Projornal de salvar essa casa, onde aliás o próprio «O Jornal» nasceu como um sonho de jornalistas, um jornal independente, como o «Diário de Lisboa» sempre foi. Não foi possível isso, e devo dizer que para mim é um grande desgosto e hoje é um dia triste como penso é um dia triste para a Imprensa em Portugal e para todos aqueles que prezam o pluralismo, a liberdade, a opinião, a qualidade na informação.

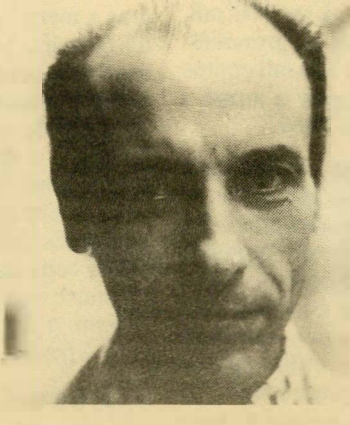
Urbano Tavares Rodrigues

Cultura, independência, liberdade, sentido da justiça. Foram essas as normas pelas quais o «Diário de Lisboa» durante tantas décadas, pautou a sua existência. Eu consagrei ao «Diário de Lisboa» doze anos da minha vida. Tinha e tenho um grande amor pelo «Diário de Lisboa», não sei como vou passar sem o ler todas as tardes. Será uma ausência dolorosa, neste momento não sinto grande esperança de o ver ressurgir, embora não possa crer que uma instituição cultural como o «Diário de Lisboa», jornal com tanto significado na vida portuguesa, possa desaparecer assim de repente. É um trauma para mim, suponho que é um trauma para muitos intelectuais, para muitos escritores, para muitas pessoas que durante tantos anos leram o «Diário de Lisboa».



Vasco Granja

Eu colaborei no «Diário de Lisboa» na página do cinema, escrevendo regularmente acerca do filme animado. Recordo essencialmente dois nomes que me acompanharam nesse tempo e que muito fizeram pelos cineclubes e pela cultura cinematográfica: o Eurico da Costa e o Manuel de Azevedo, este infelizmente já falecido. Recordo também a amizade fraterna que o dr. Mário Neves sempre me manifestou, principalmente quando fui julgado no Tribunal Plenário e o dr. Mário Neves foi testemunhar a meu favor no processo dos cineclubes. Durante décadas comprei o «Diário de Lisboa», conservando muitos números até hoje, e que documentam de forma exemplar as épocas eleitorais no tempo do facismo. Guardo ainda muitos recortes de artigos escritos por vários jornalistas e colaboradores que sempre honraram a resistência ao fascismo. Conservo ainda muitas páginas literárias, suplementos, e também colecções de desenhos, caricaturas, etc., de autores famosos, com especial destaque para Stuart Carvalhais. Para mim, leitor do «Diário de Lisboa» desde 1945, a grande época deste jornal foi até ao 25



de Abril e ao 1.º de Maio de 1974. Depois surgiram muitas modificações, mas conservarei sempre uma grande saudade desses gloriosos anos em que o «Diário de Lisboa» era um baluarte da luta antifascista.